



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Território e cidadania: a resistência das Mulheres do GAU na metrópole paulistana

Clarice Coulon¹
clarice.coulon@gmail.com

Maria Eduarda Pinheiro Gomes²
mariaepinheiro@usp.br

Heloisa de Camargo Tozato³
htozato@usp.br

(x) Apresentação Oral (GT)
() Exposição de Banner
GT pretendido: 4

RESUMO

O estudo identificou e analisou as categorias de identidade territorial do coletivo Mulheres do GAU como expressões de resistência às dinâmicas urbanas desiguais da cidade de São Paulo. Para tanto, desenvolveu metodologia qualitativa com trabalho de campo. A partir dos estudos de Milton Santos, Rogério Haesbaert e Stuart Hall, analisam-se as dimensões materiais e simbólicas de resistência, como o trabalho coletivo; gênero e independência econômica; identidade cultural; e território vivido e senso de pertencimento. Observa-se como o coletivo requalifica o espaço periférico na Zona Leste de São Paulo, produzindo territorialidades alternativas e cidadania na metrópole paulistana.

Palavras-chave: Identidade; gestão ambiental; agroecologia; dinâmicas urbanas

INTRODUÇÃO

O Grupo de Agricultura Urbana Mulheres do GAU localiza-se no bairro União de Vila Nova, distrito de Vila Jacuí da subprefeitura de São Miguel Paulista, na zona leste do município de São Paulo. O bairro, com cerca de 40 mil habitantes em condições de vulnerabilidade social, passou por um longo processo de regularização de lotes após as obras do Rio Tiête. Caracteriza-se pela precariedade de infraestrutura urbana e insuficiência de equipamentos públicos de saúde, educação, assistência social, cultura, lazer e esportes. A área está inserida na área de proteção ambiental da Várzea do Rio Tiête, limitando juridicamente os tipos de intervenções que poderiam ser realizadas na região. O coletivo Mulheres do GAU é formado majoritariamente por mulheres migrantes nordestinas, em sua maioria negras, que

¹ Graduanda em Ciências Sociais na Université Sciences Po, Rennes (França), em intercâmbio no Bacharelado em Gestão Ambiental da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), São Paulo-SP.

² Graduanda do Bacharelado em Gestão Ambiental da EACH-USP, São Paulo-SP.

³ Bióloga, Doutora em Ciência Ambiental pela USP e em Geografia pela Université Rennes 2 (França). Docente do Bacharelado em Gestão Ambiental da EACH-USP. Pesquisadora do Laboratório Mundos em Transição (CNRS-USP) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Territorialidades e Sociedade (IEA-USP), São Paulo-SP.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

atuam com agricultura urbana agroecológica e práticas culinárias. Foi fundado em 2007 e é composto, atualmente, por oito mulheres e suas respectivas famílias.

Os estudos de Caldas et al. (2021), Rigote (2022), Miranda (2024), Proust (2024) e Ferreira (2025), apontam o coletivo Mulheres do GAU como uma experiência de produção social do espaço na periferia paulistana. Aqui vale lembrar que, segundo Santos (1996, p.63), o espaço é entendido como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” e o território como território usado, isto é, espaço apropriado, praticado e significado pelos sujeitos. Nessa perspectiva, as práticas das Mulheres do GAU configuram um território de resistência que requalifica o espaço periférico ou o reterritorializa, segundo os estudos de Rogério Haesbaert (2011), articulando dimensões materiais e simbólicas de resistência. A presente pesquisa insere-se nesse marco teórico e teve como objetivo identificar e analisar as categorias de identidade territorial do coletivo Mulheres do GAU como expressões de resistência às dinâmicas urbanas desiguais da cidade de São Paulo.

METODOLOGIA

O trabalho baseou-se em metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, baseada na análise de conteúdo (Bardin, 1977) e de anotações de caderno de campo a partir de observação não participante em visita de campo (Claval, 2013). A análise se baseou nos conceitos de território de Milton Santos (1996), territorialidades de Marcos Saquet (2009) e de identidade de Stuart Hall (2019).

ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise dos estudos de Caldas et al. (2021), Rigote (2022), Miranda (2024), Proust (2024) e Ferreira (2025) à luz dos escritos Santos (1996), Haesbaert (2011), e Hall (2019) e em complemento da pesquisa de campo, permitiu identificar quatro categorias analíticas da resistência socioespacial do coletivo Mulheres do GAU. Foram elas: i) trabalho coletivo; ii) gênero e independência econômica; iii) identidade cultural; e iv) território vivido e senso de pertencimento.

TRABALHO COLETIVO

A dimensão do trabalho coletivo do Mulheres do GAU articula produção material, organização solidária e construção de vínculos territoriais. O Viveiro Escola União de Vila Nova, espaço produtivo e formativo, consolidou-se a partir da mobilização coletiva, da divisão de tarefas e da construção de redes com escolas, creches e outras organizações do bairro União de Vila Nova, apontando a gestão compartilhada, articulação institucional e a circulação de saberes do trabalho agroecológico das mulheres (Caldas et al., 2021; Miranda, 2024).

No presente estudo observou-se, na visita de campo, a organização das mulheres como associativismo produtivo, no qual a horta, a agrofloresta e a cozinha funcionam como frentes integradas de trabalho. Essa economia solidária orienta a divisão das atividades, a comercialização e a distribuição de renda, fortalece a

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

autonomia econômica das integrantes e consolida o grupo como sujeito coletivo no território (Miranda, 2024). Revela a socialização da comunidade (Proust, 2024).

Por meio da solidariedade e da ajuda mútua que institui, o coletivo se opõe a uma concepção capitalista do trabalho e à competição social que ela engendra. Observa-se o trabalho baseado na complementaridade (e não na concorrência, portanto), graças a uma organização horizontal, remuneração igualitária, responsabilidades coletivas e divisão equitativa das tarefas com rodízio.

Miranda (2024) aponta que “essa articulação para dividir os trabalhos almeja ser justa e igualitária entre as participantes, por meio de relações democráticas e solidárias, possibilitando eliminar, ou atenuar, formas de dominação e exploração no grupo”. O rodízio de tarefas e os calendários pré-estabelecidos buscam evitar a sobrecarga de trabalho para essas mulheres cuja segunda jornada começa ao sair do trabalho remunerado. A aprendizagem mútua e a transmissão de saberes também reforçam o reconhecimento de cada uma, sem hierarquia interna, e o próprio conteúdo do trabalho tenta se afastar das lógicas puramente capitalistas. Para Miranda (2024) e Proust (2024), essa organização coletiva fortalece a luta e a resistência diante do modo capitalista de produção e das dinâmicas da metrópole paulistana, modificando as práticas no espaço urbano.

GÊNERO E INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA

A fundação do coletivo Mulheres do GAU atrela-se às experiências anteriores das mulheres no Nordeste, às condições precárias de inserção laboral na cidade de São Paulo e às situações de violência de gênero vivenciadas ao longo de suas trajetórias (Rigote, 2022; Miranda, 2024; Ferreira, 2025).

Em visita de campo no coletivo, foi possível observar esse histórico de violência doméstica comum a muitas integrantes. As mulheres têm atualmente, no trabalho agrícola urbano, uma maneira concreta de conquistar a independência econômica para romper com vínculos tóxicos e reconstruir sua autonomia. Apontam que o mercado formal ainda é limitado para mães e, especialmente, 60+, deixando-as à mercê do mercado informal e subempregos. Observa-se, portanto, a relação entre a interdependência entre gênero e independência econômica, uma vez que para elas, a autonomia financeira e a construção do que é ser mulher socialmente se condicionam.

Lages (2005) explica que a busca por alternativas próprias de renda, em especial para mulheres em situação de vulnerabilidade econômica, se mostra como estratégias de sobrevivência no enfrentamento de obstáculos estruturais que dificultam a continuidade de seus negócios em comparação às mulheres das classes dominantes. São exemplos o acesso restrito a crédito, redes de apoio limitadas, dupla jornada e o menor capital para acessar mercados formais, além de como toda a construção social de gênero molda expectativas sociais e sobre o seu próprio papel enquanto mulher.

Lages (2005) aponta o cooperativismo como mecanismo de fortalecimento econômico e cultural das atividades produtivas das mulheres. Tal fator é identificado

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

como central no trabalho das Mulheres do GAU. Miranda (2024) aponta que ao perceberem sua força enquanto mulheres atuantes no trabalho do território, elas ressignificam seu papel, passando de apenas participantes, para guias de seu próprio trabalho coletivo.

O coletivo Mulheres do GAU lidou com colaborações masculinas até 2016, quando houve a expulsão dos homens devido a desentendimentos nas relações de trabalho. Os homens não cumpriam o combinado do trabalho e, mesmo assim, ao final do dia cobravam pelo pagamento integral. Diante da remuneração proporcional ao trabalho efetivamente realizado, emergiram tensões e episódios de afronta. A decisão de excluir os homens do coletivo configurou-se como medida de reorganização interna e de preservação dos princípios de cooperação e de corresponsabilidade que estruturam o trabalho das Mulheres do GAU (Miranda, 2024).

Observa-se que esse rompimento com relações desiguais ou desestabilizadoras na decisão administrativa assume uma dimensão material e simbólica na construção de um espaço produtivo conduzido pelas mulheres. A agricultura urbana agroecológica, em sua função de geração de renda, contribui como prática de reconhecimento social e de ressignificação do papel feminino no território estudado. Essa estruturação de redes locais, fortalecimento de vínculos comunitários e segurança de renda no próprio território produz formas de autonomia que tensionam as dinâmicas urbanas excludentes e a marginalização econômica e espacial características da metrópole paulistana.

IDENTIDADE CULTURAL

A identidade cultural do coletivo Mulheres do GAU pode ser compreendida como processo relacional, histórico e situado, articulado entre memória migratória, territorialidade periférica e práticas agroecológicas. À luz dos estudos de Hall (2019), identidade não é essência fixa, mas construção discursiva, produzida na relação entre pertencimento, representação e diferença. Hall (2019) argumenta que as identidades culturais emergem do “pertencimento” a comunidades étnicas, nacionais e culturais, e são continuamente transformadas pelos processos históricos e pelas representações que as interpelam. No presente estudo, observa-se que as Mulheres do GAU, majoritariamente migrantes nordestinas e negras, constroem sua identidade a partir da memória do campo, dos saberes tradicionais de cultivo e culinária e da experiência de deslocamento para a metrópole paulistana. Essa identidade corresponde a uma rearticulação de suas referências no contexto urbano.

Vale lembrar que segundo Saquet (2009), a dimensão cultural do território abrange sistemas simbólicos, valores, saberes, memórias e práticas cotidianas que produzem sentidos de pertencimento e identidade. No território das Mulheres do GAU, a agroecologia constitui-se como prática social carregada de significados culturais, vinculada às trajetórias migratórias nordestinas, aos saberes rurais tradicionais, à ancestralidade e às experiências de mulheres negras.

O coletivo Mulheres do GAU constitui-se, portanto, um espaço de reafirmação identitária diante da cidade globalizante. Sua identidade cultural é também identidade

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

territorial, produzida na relação entre práticas produtivas, redes comunitárias e reconhecimento institucional. Tendo como base os estudos de Hall (2019), pode-se afirmar que a identidade cultural das Mulheres do GAU é resultado de processos de identificação situados, marcados por deslocamentos e hibridizações. Diante do caráter homogeneizante do espaço urbano, essas mulheres reencontram e afirmam uma identidade profundamente ligada à ruralidade nordestina e à memória da roça. Como destaca Proust (2025, p.297), “nas margens de São Paulo, a [...] agricultura [constitui-se] uma prática refúgio na qual podem se reconectar a uma identidade que, para alguns, lhes faz falta”.

Assim, a roça constitui-se símbolo de resistência, de luta, e de reivindicação identitária; de valorização das plantas e sementes oriundas de suas terras de origem; e do uso das plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Afinal, produzir, trocar e consumir esses alimentos equivale a afirmar uma diferença cultural em um contexto urbano marcado pela homogeneização cultural e pela padronização alimentar (Proust, 2024). Essa resistência, contudo, nem sempre é uma escolha, mas inscreve-se em disposições incorporadas ao longo de uma socialização rural, marcada pela atenção às questões sanitárias, alimentares e comunitárias (Proust, 2024).

TERRITÓRIO VIVIDO E PERTENCIMENTO

Segundo Santos (1996, p.63), o território usado corresponde ao espaço enquanto “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, apropriado pelos sujeitos em sua prática cotidiana. Em consonância, Saquet (2009) considera o pertencimento como construção das territorialidades, moldadas pelas formas como os grupos sociais usam e significam o espaço, ou seja, o pertencer se coloca então, enquanto prática, símbolo e relações que vão dar sentido ao território usado.

No contexto do território das Mulheres do GAU, a produção social do espaço pelas práticas agroecológicas, redes comunitárias e trajetórias migratórias contribuem com a construção de um território apropriado, significado e defendido coletivamente. O espaço da horta, antes degradado e usado para descarte de lixo e atualmente recuperado como local produtivo e de geração de renda, tornou-se espaço comunitário, de trabalho e de cuidado com a terra. O pertencimento, neste território, perpassa a dimensão afetiva e articula-se à inserção produtiva e à capacidade de incidência local. Ele resulta da vivência cotidiana e das práticas compartilhadas que produzem e afirmam a identidade coletiva das mulheres negras e pobres. Sendo o território resultado de processos históricos e das relações de poder (Santos, 1996), a transformação física do território do coletivo é resultado e vetor das dinâmicas, confrontando as lógicas da desigualdade socioespacial das periferia urbana e a lógica individualista produzida pelo sistema capitalista e materializada na metrópole paulistana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

A análise evidenciou as dinâmicas materiais e simbólicas na produção social do espaço, na qual trabalho coletivo, agroecologia e economia solidária articulam-se à construção de identidade e pertencimento. Apontou a resistência de mulheres na periferia paulistana em um espaço de carência do poder público, e de criação de cidadania, territorialidades alternativas e transformação social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Unificado de Bolsas da USP, pela bolsa de iniciação científica (Projeto 4770/2025); e à Universidade Sciences Po Rennes (França) pela bolsa de intercâmbio no Bacharelado em Gestão Ambiental da EACH-USP (São Paulo-SP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 176 p.
- CALDAS, Eduardo et al. Mil viveiros para São Paulo. **Vitruvius**, 2021.
- CLAVAL, P. Le rôle du terrain en géographie. **Confins Revista Franco-Brasileira de Geografia**, 17, p. 1-25, 2013.
- FERREIRA, Larissa. **Processos educativos na prática de agricultura urbana das Mulheres do GAU: diálogos na zona leste de São Paulo**. 2025.
- HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: Santos, Milton e Becker, Bertha et al. Território, territórios, ensaios sobre o ordenamento territorial, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.
- LAGES, Sônia Regina Corrêa. **Desafios no empreendedorismo feminino: Uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda**. **Estação Científica**, v. 1, 2005.
- MIRANDA, Lucas Araújo. **Agricultura urbana agroecológica na cidade de São Paulo: o caso das mulheres do Grupo de Agricultura Urbana (GAU)**. 2024.
- PROUST, Angèle. Des champs sous haute-tension: enjeux politiques de l'agriculture urbaine dans les marges socio-spatiales de São Paulo. **Tese de Doutorado**. Université Panthéon-Sorbonne-Paris I. 2024.
- RIGOTE, Gabriela. Cozinhando mudanças: os significados do ato de cozinhar para mulheres de um Grupo de Agricultura Urbana da zona leste da cidade de São Paulo. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo. 2022.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996
- SAQUET, Marcos A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (Orgs.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/